

# EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E CULTURALIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DE TIMOR-LESTE\*

---

**Vicente Paulino\*\***

 <https://orcid.org/0000-0003-0215-9712>

**Como citar este artigo:** PAULINO, V. Expressões idiomáticas e culturalidade linguística no contexto de Timor-Leste. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO17947>

**Submissão:** 1º de maio de 2025. **Aceite:** 17 de maio de 2025.

**Resumo:** Cada povo, na sua fala diária, aplica-se ao uso de algumas expressões populares, ou seja, cada povo tem suas expressões idiomáticas na língua com a qual se comunica no seu grupo linguístico. As expressões idiomáticas são partes integrantes do léxico popular que existem em qualquer língua. Neste artigo, procuramos compreender as expressões idiomáticas na perspectiva de culturalidade linguística; procuramos também apresentar alguns léxicos populares expressados na língua tétum (língua nacional de Timor-Leste), tanto na fala coloquial e nas atividades culturais como no encontro de *fetosá-umane*; apresentamos algumas interpretações possíveis sobre cada expressão idiomática de modo a compreender sua totalidade de sentidos quando apresentada em um contexto específico.

**Palavras-chave:** Expressões idiomáticas. Léxico popular. Culturalidade linguística. Timor-Leste. Língua tétum.

---

\* Texto produzido no âmbito do estágio pós-doutoral em Letras, realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil.

\*\* Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Dili, Timor-Leste. *E-mail:* vicentepaulino123@gmail.com



## INTRODUÇÃO

**A** expressão idiomática ou *idiotismo* (do grego *ἰδιωτισμός*, que vem do latim *idiotismus*) é um conjunto de duas ou mais palavras que se caracteriza por não ser possível identificar o seu significado mediante o sentido literal dos termos que constituem a expressão. Assim, sua tradução literal não faz sentido em uma outra língua de estrutura análoga, por ter um significado não dedutível dos significados dos elementos que a constituem. Dessa forma, em geral, é muito difícil ou mesmo impossível traduzir as expressões idiomáticas para outras línguas, por isso, a interpretação semântica de sentidos é mais importante e aceitável em quaisquer expressões idiomáticas usadas na comunicação.

Na língua inglesa, o termo *idiom* corresponde ao conceito de *expressão idiomática* em português. Para o linguista John Saeed (2003), um *idiom* é definido como “[...] um conjunto de palavras que se tornou fixo, petrificado, através do tempo e do uso”. Essa justaposição de palavras é originalmente utilizada por um grupo determinado na sua conversação ou na comunicação que, de alguma forma, altera a definição literal de cada palavra expressada propositadamente ou improvisadamente, criando nova dimensão de significado e enriquecendo a linguagem. A importância dos *idioms* em inglês é às vezes ainda maior que a das expressões idiomáticas no português, visto que o inglês tem carência, em um certo sentido, de certas palavras e expressões.

Entendemos que o termo *idioma* em português apresenta o significado mais globalizante, querendo dizer que o termo *idioma* em português significa uma *língua* (corrente ou extinta) falada por seres humanos e usada como um instrumento de comunicação oral e/ou escrita. Dessa forma, a palavra *idioma* não pode ser traduzida para o inglês por *idiom*, mas por *language*.

Cada povo, na sua fala diária, aplica algumas expressões populares, ou seja, cada povo tem suas expressões idiomáticas na sua língua de comunicação dentro do mesmo grupo linguístico. As expressões idiomáticas são parte integrante do léxico popular existente em qualquer língua. É necessário que cada geração saiba aplicar expressões idiomáticas em determinadas atividades, ou em determinadas conversações, como recursos de competência linguística. Assim, as expressões idiomáticas configuram-se como um recurso privilegiado para fomentar o sentido de culturalidade linguística da vivência familiar e social da comunidade que fala a mesma língua ou que compartilha diferentes línguas.

As expressões idiomáticas muitas vezes estão associadas a gírias, jargões ou contextos culturais específicos de certos grupos de pessoas que se distinguem pela classe, idade, região, profissão ou outro tipo de afinidade. Muitas dessas expressões têm existência curta ou ficam restritas ao grupo em que surgiram, enquanto outras resistem ao tempo e acabam por ser usadas de forma mais abrangente, extrapolando o contexto original. Nesse último caso, a origem histórica do seu significado muitas vezes perde-se de todo ou fica limitada a um relativamente pequeno grupo de usuários da língua.

Neste artigo procuramos, portanto, apresentar algumas expressões idiomáticas que nos parecem mais usadas pelos falantes do tétum (língua oficial, ao lado do português) de Timor-Leste e apresentamos algumas interpretações possíveis de natureza qualitativa baseada nos protocolos verbais. Mais detalhadamente, os objetivos do estudo foram: (i) descrever os léxicos populares expressados na

língua tétum, tanto na fala coloquial e nas atividades culturais como no encontro de *fetosá-umane*; (ii) descrever os significados de cada expressão idiomática de modo a poder compreender a sua totalidade de sentidos quando apresentada em um contexto específico, porque

*[...] a aquisição da maioria das combinações idiomáticas se faz de forma não sistemática, em leituras ou conversas, desde que o falante esteja atento a elas. Além disso, esse indivíduo só perceberá que se trata de uma expressão consagrada quando a ouvir repetidas vezes. Então, poderá memorizá-las e utilizá-las quando a situação e o contexto as transformarem num fator específico de eficácia comunicacional* (Xatara, 1995, p. 200).

Além deste texto introdutório, este artigo contém mais quatro seções. Na próxima seção, procuramos apresentar uma nova dimensão de compreender a expressão idiomática mais no sentido de culturalidade linguística – trata-se de uma proposta de continuidade da pesquisa em linguística cultural ou antropologia linguística; em seguida, descrevemos expressões idiomáticas e seus significados associados às prática culturais e aos rituais timorenses; posteriormente, passamos a uma interpretação voltada à perspectiva cultural sobre o uso da expressão idiomática em algumas cerimônias culturais; e, por fim, há a conclusão.

## **COMPREENDER AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA PERSPECTIVA DE CULTURALIDADE LINGUÍSTICA**

O uso da expressão idiomática está ligado sempre ao uso léxico popular, isto é, o vocabulário usado na fala coloquial ou no discurso coloquial apresenta um significado específico ou designa um algo a significar. Léxico é uma parte do estudo linguístico que trata, sobretudo, do vocabulário usado por um falante de uma língua, tanto na oralidade como na escrita. Sabemos que um texto construído com vários vocabulários passa a ser tratado como algo que vai além da frase, porque já são em si mesmos uma produção de enunciados e sentidos específicos.

Reconhecemos que, na perspectiva linguística, as expressões idiomáticas no seu uso ou na sua construção não seguem as regras linguísticas e, por isso, violam alguma regra gramatical, semântica e lexical. Como advertia Mário Perini (2010, p. 324):

*As expressões idiomáticas sempre violam alguma regra da língua: em geral uma regra semântica, mas às vezes também regras de sintaxe. E às vezes elas contêm itens léxicos que não aparecem em nenhum outro contexto. Na verdade, se alguma coisa define a expressão idiomática é justamente a presença de alguma violação gramatical ou lexical.*

Partindo disso, construímos uma nova perspectiva sobre como compreender as expressões idiomáticas, conhecidas como vocabulários populares, ou expressões culturais anunciamas verbalmente nos eventos específicos. Por isso, como dizia Xatara (1995, p. 207), a expressão idiomática “[...] é um sintagma metafórico, cristalizado em um idioma pela tradição cultural, ou seja, consagrado pelo uso, pela frequência do emprego (tendo passado do individual para o social)”. Assim, vale a pena compreender as expressões idiomáticas ou expressões do povo ou do grupo no enquadramento da “culturalidade linguística”. Agora, a questão que se coloca é: o que se entende como a culturalidade linguística?

A culturalidade linguística pode ser entendida como uma parte da linguística cognitiva que se debruça, sobretudo, nas expressões das línguas naturais anunciatas ou apresentadas oralmente no ato da conversação ou da comunicação. Ou seja, a culturalidade linguística reflete-se sobretudo na corporização das expressões populares vinculadas às atividades culturais e rituais de determinada sociedade. Nessa perspectiva, a culturalidade linguística ou, na compreensão de Batoréo (2015), a linguística cultural tem vindo a surgir no âmbito da linguística cognitiva como um ramo que se dedica ao estudo do modo como as línguas naturais refletem e “corporizam” as culturas que veiculam. Assim, a culturalidade linguística pode ser definida como uma combinação do cognitivo-funcional e social que está a ser culturalmente inserido no convívio social da sociedade, a razão pela qual considera como um novo formato de cognitivo-cultural linguística. Desse modo, a culturalidade linguística pode ser entendida também como “linguística cultural”, como definida por Gary Ferraro (2006), ou mais conhecida como “etnolinguística”, pois é um ramo que estuda a relação entre língua e cultura e a forma como os diferentes grupos étnicos compreendem e interpretam o mundo. É a combinação entre etnologia e linguística. Linguística cultural ou a culturalidade linguística, portanto, em termos de definição, liga-se à antropologia linguística, que explora várias características das línguas humanas ligadas às conceitualizações culturais, isto é, aos esquemas culturais, às categorias culturais e às metáforas culturais (Sharifian, 2011). Até agora, a abordagem da linguística cultural tem sido adotada em várias áreas de pesquisa linguística aplicada, incluindo a comunicação intercultural (Schiffman, 1998).

A linguística cognitiva também pode ser usada como adequada para fazer pesquisa sobre diferentes vocabulários populares de um povo. Se o significado de cada expressão desempenha um papel em todos os fenômenos linguísticos, se vocabulários populares e a gramática de uma língua estão conectados à cultura por meio de um conteúdo compartilhado, então vocabulários populares e a gramática são partes integrantes de estudo semiótico linguístico e cultural que projeta os valores e a identidade daqueles que usam tais vocabulários populares nos eventos específicos. O reconhecimento sobre os vocabulários populares se dá pela metáfora de interpretação de sentidos, que fortalece o vínculo entre a língua e a cultura, uma vez que ambas usam a metáfora para elaborar seu conteúdo. Se os homens de ciências sociais se entendem de forma a incorporar a língua e a cultura em uma semântica de base social, então é normal que se possa considerar a estrutura social, a história e o desenvolvimento das ideias como partes essenciais da evolução do próprio ser humano. Isto é, a história e a estrutura social de uma sociedade devem ser compreendidas por meio da comunicação (verbal ou não verbal).

A inclusão do conhecimento “extralinguístico” nas categorias linguísticas integra o âmbito da linguagem e da cultura, reconhecendo que o conhecimento cultural está embutido nas categorias linguísticas. Ao não assumir que todas as línguas se resumem a um único conjunto de universais, a linguística cognitiva nos encoraja a nos concentrar em valores específicos da linguagem e seus paralelos específicos de cultura (Janda, 2008, p. 10-11). Nessa perspectiva, a linguagem surge como meio de conhecimento em ligação com a experiência humana do mundo – ou seja, a base pragmática e experiencial da linguagem no uso humano é observada e analisada pelo seu nível de línguas particulares, usadas em multiplicidade de registros. Assim, em contextos sociais e culturais diferenciados

(diferentes níveis e tipos de variação linguística), o uso da língua é mediado culturalmente, pois, segundo Alessandro Duranti (2001), para saber e compreender o papel da língua na vida das pessoas deve-se precisamente ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, em que as palavras são encaixadas e constitutivas de atividades culturais específicas, tais como contar uma história, pedir um favor, mostrar respeito. Para tal, é necessário compreender os sistemas linguísticos e procurar documentar o seu uso em atividades associadas ao tecido cultural dentro dos quais não produzem apenas enunciados e sentidos específicos, como também saber comportar-se e compreender o sentido dos diversos atos de linguagem de determinada língua.

A definição conceitual da culturalidade linguística pode ser buscada na perspectiva da antropologia linguística ou da comunicação ritual (Goodenough, 1964; Hymes, 1964), para compreender o conjunto de conhecimentos e de crenças das características de um grupo social, que se organiza por meio dos padrões da interação dos seus membros. As expressões idiomáticas que são abarcadas pelas práticas culturais e rituais precisam de ter acesso a esses conhecimentos a fim de poderem ser consideradas e aceitas por falantes da mesma língua. A culturalidade linguística reflete-se não apenas sobre um fenômeno material, mas também sobre um fenômeno simbólico, que se compõe de coisas, pessoas ou comportamentos. Por isso, na culturalidade linguística é preciso, antes, pensar na dimensão cognitiva das interações humanas (com grande destaque para a interação verbal) em função dos modelos de percepção, associação e interpretação do mundo, partilhados pelos intervenientes sociais (dimensão sociolinguística) e guardados na mente (dimensão psicolinguística) (Batoréo, 2015). Certo é que essas percepções são, evidentemente, partes integrantes da *ethnography of communication* (Saville-Troike, 2003), pois o desenvolvimento do modelo *Speaking* (da fala) pode ser analisado em um contexto cultural (Hymes, 1972).

A culturalidade linguística pode ser percebida a partir dos estudos da linguagem e da cultura, colocando-os como rede de ligações e de interdependências que determinam a comunicação intra e intercultural. Assim é que

*[...] quando um código específico é considerado apenas um componente dos eventos comunicativos, os estudos da estrutura dos eventos comunicativos em uma sociedade fornecem evidências detalhadas sobre as diferentes maneiras pelas quais o código entra nos propósitos comunicativos e na vida cultural. As diferentes maneiras e estágios pelos quais uma língua entra na enculturação, na transmissão de papéis e habilidades adultas, na interação com o sobrenatural, nas satisfações pessoais e afins aparecerão. As línguas, assim como outros traços culturais, variam no grau e na natureza de sua integração ocorrem nas sociedades e culturas [...] (Hymes, 1972, p. 32, tradução nossa)<sup>1</sup>.*

As expressões populares ou expressões idiomáticas de um povo são sempre pluridimensionais, porque semanticamente têm vários significados; por isso, cada expressão se converte em uma atmosfera em que o significado de cada coisa

<sup>1</sup> Texto original: "[...] when a particular code is considered but one component of communicative events, the studies of the structure of communicative events in a society will provide detailed evidence on the differential ways in which the code enters into communicative purposes and cultural life. The different ways and stages in which a language enters into enculturation, transmission of adult roles and skills, interaction with the supernatural, personal satisfactions, and the like will appear. Languages, like other cultural traits, will be found to vary in the degree and nature of their integration into the societies and cultures in which they occur [...]".

está em contínua mutação. É ver, por exemplo, as numerosas cargas semânticas com as quais se apresentam palavras em língua timorense como o *tétum*, particularmente o *tétum-terik*, que mostram infinitas possibilidades significativas – tanto na dimensão ontológica da realidade social e política como na dimensão folclórica. Contudo, se cada povo não registra e preserva as suas expressões populares, provavelmente algumas delas cairão no esquecimento. Significa que expressões lexicais populares se encontram ameaçadas, o que é provocado não só pela irregularidade do uso, mas também devido à diminuição do número de pessoas que usam expressões lexicais populares. Isso para justificar que só os velhos estão acostumados a usar expressões populares para dizer algo que considere como único e particular. Se um indivíduo não pratica a sua fala diária, é provável que as expressões populares associadas às práticas culturais e aos rituais timorenses serão extintas. As consequências da extinção das expressões populares de determinada língua, neste caso, da língua *tétum*, são diversas e irreparáveis para as comunidades locais de falantes.

### **EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E SEUS SIGNIFICADOS ASSOCIADOS ÀS PRÁTICAS CULTURAIS E AOS RITUAIS TIMORENSES**

Os estudos voltados às expressões idiomáticas em língua *tétum* e ao processo de descrição precisam ser referidos a fim de levá-las aos espaços de ensino, para que a diversidade e a culturalidade linguísticas sejam preservadas e promovidas como patrimônio linguístico. Contudo, o que se observa na língua *tétum* ainda são escassos estudos sobre os processos cognitivos empregados pelos aprendizes para a compreensão das expressões idiomáticas usadas na comunicação cotidiana e nos atos culturais.

As expressões idiomáticas estão, segundo Polónia (2009, p. 13), a serviço da expressividade e do pitoresco, da emotividade e da oralidade, fazendo constantemente um apelo ao exagero e à ironia, à persuasão e à comicidade em discursos que deixam transparecer, quase sempre, cargas emocionais. Muitas das expressões populares de um grupo social ou de um povo são, pela sua natureza demonstrativa, transmitidas no decorrer dos eventos formais com uma grande variedade de palavras. Estas apresentam-se como expressões vivas de uma língua falada, de cunho único, especificidades das culturas, transportadas com expressividade e emotividade, cheias de significações que justificam os traços comuns de um povo, como no caso das expressões idiomáticas usadas pelos falantes do *tétum* de Timor-Leste.

A língua *tétum* tem, como outras línguas, muitas expressões idiomáticas usadas pelos timorenses na sua comunicação cotidiana ou em ocasiões específicas (Paulino; Tilman, 2021). Para a melhor compreensão, apresentamos, a seguir, a descrição de algumas expressões idiomáticas em língua *tétum* associadas às práticas culturais e aos rituais timorenses:

- *Manu-talin* (corda do galo). No sentido literal, refere-se à corda para amarrar o galo, por exemplo: “sobrinho, você tem alguma ‘corda’, porque estou a precisar mesmo para amarrar o meu galo”. Porém, no sentido metafórico, a expressão *manu-talin* é atribuída ao ato de realizar algo, por exemplo: “Irmão, o meu filho gosta de uma jovem da nossa aldeia e ele queria se casar com ela, e por isso que eu, como pai, não posso falar diretamente com a

família dessa jovem, então peço-lhe que seja o nosso *manu-talin*, para que se efetue uma reunião com os pais dessa jovem”.

- *Manu-ain* (pés do galo). No sentido literal, pode ser entendido como uma expressão que diz respeito aos *pés do galo*, por exemplo: “Antônio, os pés de seu galo são bonitos” ou “os pés do galo de Antônio estão feridos de sangue”. No sentido metafórico, a expressão *manu-ain* já manifesta outro significado, pois refere-se ao ato de fazer algo como transmissor de informação ou como um sujeito que assume a função de ser mensageiro, por exemplo:

“Senhor José, nós iremos mandar o nosso *manu-ain* – mensageiro à vossa casa para falar do eventual casamento dos nossos filhos”.

- *Karau haksoit lutu* (búfalo entra na horta). No sentido literal, pode significar o próprio búfalo que entra na horta de alguém e estraga tudo o que lá se encontra. No sentido metafórico, é uma expressão que se refere à ação de alguém que entra na casa de outra pessoa sem autorização de seu dono. Exemplo:

“O filho de Antônio se uniu com a filha do senhor José fora das regras formais. Por isso que está a ser tratado como *búfalo entra nas hortas*, sem permissão de seu dono”.

- *Ai-funan furak iha kintal* (linda flor no quintal). No sentido literal, refere-se ao objeto *flor* que cresce e floresce no quintal, como se pode ver neste enunciado: “Há flores lindas no quintal do Sr. Mau-mutin”. No sentido metafórico, *Ai-funan furak iha kintal* é uma expressão atribuída a uma jovem bonita, por exemplo:

“O Sr. Mau-mutin tem uma filha bonita de nome Caufore, que está a assumir um compromisso com o jovem Loerasi (filho do reino de Legu-Op). No ato de *konese malu* – conhecer-se, a família do jovem Loerasi começa a dizer que está interessada em uma das flores crescidas no quintal do Sr. Mau-mutin, por isso, *ami mai atu ku'u ai-funan furak ida iha kintal ne'e* – vimos para colher uma linda flor neste quintal.

O Sr. Mau-mutin diz à família do jovem Loerasi que *ai-funan mak ne'e, ku'u ba, kuida nia no labele hakanek nia* – eis esta flor, colheis, cuidais e não lhe fazeis sofrer”.

- *Lere-du'ut* (limpar as ervas). Essa expressão, no sentido literal, refere-se a uma atividade de limpeza, por exemplo, limpar as ervas crescidas no jardim da casa ou nas hortas como em “O sr. João está a limpar ervas daninhas na sua horta”. No sentido metafórico, a expressão *Lere-du'ut* é atribuída a uma ação ligada à prática cultural, particularmente na cerimônia de *husu-feto* – pedir a noiva em casamento, por exemplo:

“A família de João levou um cabrito no ato de pedido oficial de casamento como símbolo *loke dalan* – abrir o caminho, ou como símbolo *lere-du'ut*, para que o caminho fique livre”.

- *Lere-dalan* (limpar o caminho). É uma expressão que, no sentido literal, refere-se à atividade de fazer limpeza, limpar a estrada ou a rua de casa, como no caso de: “O sr. João está a fazer a limpeza do caminho (estrada, rua) de sua casa”. No sentido metafórico, *Lere-dalan* é definida como uma ação ligada também à prática cultural, particularmente na cerimônia de *husu-feto* – pedir a noiva em casamento, por exemplo:

A família do João levou um cabrito ao ato de pedido oficial de casamento como símbolo de *loke dalan* (abrir o caminho) ou como símbolo *hamos dalan* para que o caminho fique livre. Na verdade, é que ao ato de *lere-dalan* não se leva apenas o cabrito, mas é acompanhado também de algumas *ai-tahan matak* ou *katuas-botak* – isto é, alguns dinheiros.

- *Dere-odamatān* (bater à porta) é uma expressão que literalmente refere-se ao ato de respeito. Se queremos entrar na casa de uma pessoa, temos obrigação de “bater à porta” antes de entrar, como no caso de “Doda está a bater à porta do quarto de Lizete”. No sentido metafórico, a expressão *dere-odamatān* é atribuída a uma ação ligada à prática cultural, particularmente na cerimônia de *husu-feto* – pedir a noiva em casamento. Exemplo:

Na prática cultural *hafōli feto* – dar o valor da mulher, esse ato de *dere-odamatān* é feito no momento em que as famílias (tanto a família do noivo como a da noiva) já pronunciaram o *hakarak* – sim ao noivado, daí a família do noivo escolheu duas mulheres (podem ser tias ou irmãs do noivo) para buscar a noiva, que estava sob a guarda das suas tias e irmãs, bateram à porta e entraram, entregando um envelope (dinheiro) às tias ou irmãs da noiva para que a (noiva) deixassem sair do quarto e sentar-se junto com a família do noivo. E assim funciona o processo de *dere-odamatān* na cerimônia de *hafōli feto*.

- *Mama malus la mean* (mascar não avermelhado). Essa expressão é literalmente associada ao ato de mascar bétéle e areca, que não dá sabor na boca. Vê-se neste pronunciamento: “Pedro não está contente porque a sua masca não está avermelhada”. Metaforicamente, a expressão *mama malus la mean* manifesta uma ação ligada também à prática cultural, particularmente na cerimônia de *husu-feto* – pedir a noiva em casamento, por exemplo:

No encontro de *fetosá-uman*, a família da noiva começa a verificar os bens trazidos pela família do noivo. Se na verificação encontram-se em falta alguns bens trazidos, então o representante da família da noiva (possivelmente o *lia-nain*) começa a recusar os bens trazidos com seguintes palavras *mama malus la mean* (mascar não avermelhado), ou seja, *mama malus la mean* pode significar a falta de *buat balun* – *alguns ingredientes necessários* que compõem o pacote de bens que vão ser entregues no momento de *husu-feto* (pedido de noivado) na casa da família da noiva.

- *Kuda lá han du'ut* (cabalo não come ervas). Essa expressão, literalmente, refere-se ao cavalo (o próprio animal) que não come erva, por exemplo: “João disse ao seu pai que o cavalo já não comeu erva. Quer dizer que o cavalo do seu pai está doente”. No sentido metafórico, a expressão *Kuda lá han du'ut* é atribuída ao ato da fala ou do dizer na identificação indireta de algo a significar, ou *soe lia* – lançar ideia implícita, lançar ideia com piadas no sentido positivo. Por exemplo:

No encontro de *fetosá-umane*, a família da noiva disse à família do noivo que só aceita o pedido de casamento se entregassem o *kuda lá han du'ut* – refere-se analogicamente ao carro de marca Prado ou dessa natureza.

- *Kuda-matak la hemu bee*. No sentido literal, refere-se ao *cavalo bem adulto* (o próprio animal) que não bebe água, como em “João disse ao seu pai que

alguns cavalos adultos não bebem água”. Significa que os cavalos do seu pai estão doentes. Metaforicamente, a expressão *kuda-matak la hemu bee* manifesta uma ação ligada à identificação implícita de algo a significar. Por exemplo: No encontro de *fetosá-umane*, a família da noiva disse à família do noivo que só aceita o pedido de casamento se entregassem o *kuda-matak la hemu bee* – refere-se metaforicamente também ao carro de marca Prado ou dessa natureza.

- *Vidru metan les plastik*. Essa expressão refere-se exatamente ao vidro preto sem uso ou que ainda está no embrulho, como em “João disse ao seu pai que queria colocar a janela da casa com o vidro preto”. Porém, no sentido metafórico, a expressão *Vidru metan les plastik* está a referir-se exatamente ao ato da fala que se direciona à identificação implícita de um algo a significar. Por exemplo:

No encontro de *fetosá-umane*, a família da noiva disse à família do noivo que só aceita o pedido de casamento se entregassem o *vidru metan les plastik* – metaforicamente, refere-se a um carro de marca luxuosa como o Prado ou de marca Pajero Sport. Se for aceite de entregar o *vidru metan les plastik* como contrapartida, então pode levar a *ai-funan iha ami-nia kintál ne'e – flor do nosso quintal* (*flor aqui é jovem noiva, ou jovem bonita*).

- *Ain-sapatu* literalmente refere-se a sapatos que costumamos usar todos os dias, como se pode observar em: “O sapato do João é da Nike”. Mas, no sentido metafórico, *ain-sapatu* é uma expressão atribuída a um objeto que, implicitamente, é apresentado no “*tesi-lia – dialogar*” por representantes da família da noiva à família do noivo, por exemplo:

“No encontro de *fetosá-umane*, a família da noiva disse à família do noivo que só aceita o pedido de casamento se entregassem 30 *ain-sapatu* – refere-se análogicamente a ‘*Karau Timor*’ (búfalos de Timor)”.

- *Ain-sinelos* literalmente significa “pés de sandálias”, por exemplo: “A sandália de Maria é de Paris”. No sentido metafórico, a expressão *ain-sinelos* está a referir-se ao ato da fala que se direciona à identificação implícita de um algo a significar, isto é, no âmbito da prática cultural timorense, refere-se simplesmente a “*karau – vaca*”. Por exemplo:

No encontro de *fetosá-umane*, como no caso da cerimônia funerária, a família *fetosá* é obrigada a entregar uma ou duas vacas para *umane*.

- *Du'ut fui* literalmente refere-se às “ervas daninhas”, como se vê neste exemplo: “O quintal da família de João é cheio de ervas daninhas”. No sentido metafórico, a expressão *du'ut fui* é atribuída a um ato de bruxaria praticado por determinadas pessoas irresponsavelmente; mesmo que vivamos na era da globalização tecnológica, algumas pessoas confiam mais na sua *du'ut fui* (magia negra) para destruir ou afastar outras pessoas de bom coração.

- *Anin aat* (vento malignoso) literalmente pode ser entendido como “A horta do senhor João foi estragada pelo vento forte/vento malignoso, ou tufão”. No sentido metafórico, a expressão *anin aat* é atribuída a um ato de bruxaria praticado por determinadas pessoas irresponsavelmente; mesmo que vivamos na era da globalização tecnológica, algumas pessoas confiam mais na sua *anin aat* (magia negra) para destruir ou afastar outras pessoas de bom coração.

- *Han isin, sikat ruin* literalmente pode significar “comer a boa carne”, guardar os ossos, como se vê neste exemplo: “O João comeu carne bem-passada e guardou os ossos como acessório do quintal”. Metaforicamente refere-se a uma ação de “dar hoje” e é provável que possa “receber amanhã”, é um ato de *arisan*. Em Timor, as pessoas apoiam-se umas às outras, particularmente na prática cultural *hafôli feto* (dar o dote da noiva), em que a família do noivo dá a sua contribuição para a realização da cerimônia de *hafôli feto*. Essa contribuição é uma ação simbólica cuja intenção é reforçar os laços familiares, mas há uma atribuição também de natureza simbólica, que envolve o capital económico na legitimação de relações *fetosá-umane*. É por isso que os timorenses costumam a definir essa ação como um ato de *han isin, sikat ruin*.
- *Ai-tahan matak ida* literalmente refere-se a “uma folha fresca”, como se vê neste exemplo: “Maria está feliz com o aniversário do seu filho”. Metaforicamente, pode significar “boa notícia” ou “alegria, contente”, que, em termos da manifestação cultural ou na fala dos velhos, *ai-tahan matan ida* é uma alusão a dinheiro. No caso concreto de *hafôli feto*, quando o representante da família da noiva fala de *ai-tahan matak ida* para a família do noivo, significa que a família do noivo tem de entregar *osan rihun ida* (mil dólares) para a família da noiva. Desse modo, *ai-tahan matak ida* refere-se exatamente à quantidade de dinheiro que a família do noivo vai entregar à família da noiva.

Encontram-se ainda muitas expressões ligadas ao rito fúnebre, particularmente no que diz respeito ao ato de comunicação estabelecida com *emar-mate* (pessoa falecida), que os timorenses costumam fazer em cerimônias de *hader-mate* (velório) e *hakoi-mate* (enterro do falecido). O pronunciamento da palavra é, normalmente, manifestado com respeito, cujo objetivo é que o *lia-menon* (mensagem) apresentado seja atendido pela alma do falecido com carinho. Eis algumas expressões associadas ao rito fúnebre dos timorenses: *lia-mate*<sup>2</sup>, *tanis-mate*<sup>3</sup>, *hader-mate*<sup>4</sup>, *hakoi-mate*<sup>5</sup>, *taka-kaixaun*<sup>6</sup>, *kesi ai-funan*<sup>7</sup>, *vizita rate*<sup>8</sup>, *halot mate-isin*<sup>9</sup>, *lori-lutu*<sup>10</sup>, *hasai-lutu*<sup>11</sup>, *ai-funan moruk*<sup>12</sup>, *ai-funan midar*<sup>13</sup>, *ko’alia folin-mate ka barlak mate-isin*<sup>14</sup>. Essas expressões são identificadas como “termos específicos” ou “conceitos particulares” aplicados no evento ceremonial da morte de um ente falecido.

<sup>2</sup> Assunto escuro, ou assunto do morto/falecido.

<sup>3</sup> Chorar ao falecido.

<sup>4</sup> Velório.

<sup>5</sup> Enterrar o falecido.

<sup>6</sup> Fechar o caixão.

<sup>7</sup> Preparar as flores.

<sup>8</sup> Visitar a campa.

<sup>9</sup> Enterrar o falecido.

<sup>10</sup> Levar ou colocar um pedaço do pano preto na mão ou no pescoço como sinal de luto.

<sup>11</sup> Tirar o luto.

<sup>12</sup> Flores amargas.

<sup>13</sup> Flores.

<sup>14</sup> Falar de dote do falecido. Se, no caso, a pessoa falecida é uma senhora casada, que o seu dote ainda não foi entregue pelo seu marido.

As expressões apresentadas podem ser consideradas como uma marca única e universal na literatura timorense, particularmente na literatura de língua tétum, e, ao mesmo tempo, vocabulários particulares para a constituição dos vocabulários do português de Timor. Por exemplo:

Eu costumo ir ao *lia-mate*.

Eu costumo assistir à cerimônia de *taka-kaixaun*<sup>15</sup>.

No *lia-moris*<sup>16</sup>, eu fui obrigado a entregar o *ain-sapatu*<sup>17</sup> à família da minha mulher.

As expressões idiomáticas apresentadas podem ser denominadas expressões literárias de sentidos metafóricos e de personificações. Essas expressões populares são comumente usadas nas cerimônias culturais e rituais específicas, porque estão sempre ligadas a uma situação específica de enunciação a um contexto social e cultural próprio. Na antropologia linguística, a língua é uma janela para a cultura e as narrativas históricas podem tomar a sua forma pela linguagem, o que pode ser efetivamente visto, pois o uso de expressão ou palavra pode ocorrer nas várias modalidades do dizer. Isso depende, também, da capacidade de um falante de uma língua em entender a forma como vão funcionar na prática linguística as expressões populares de uma determinada sociedade e de uma determinada cultura.

As expressões idiomáticas são utilizadas e criadas pelos falantes de uma mesma língua para referir um certo comportamento das pessoas e o fenômeno cultural. Além disso, sua utilização é muitas vezes repetida com frequência

[...] na medida em que o emprego de uma combinação de palavras, livremente construída segundo as regras do sistema da língua, pode passar a ser reutilizada por outros falantes, transformando-se gradualmente em uma construção já feita e pronta a ser utilizada (Rebelo, 2000, p. 21).

Por exemplo, no âmbito cultural, a expressão *karau haksoik lutu* metaforicamente pode significar *um rapaz entra na casa sem permissão de seu dono*. Essa expressão é aplicada àqueles que engravidaram uma jovem sem o conhecimento dos pais dela.

As expressões idiomáticas em língua tétum mencionadas são associadas às práticas culturais e aos rituais timorenses e podem ser justificadas como uma tradução linguística e cultural, porque cada expressão original é traduzida para o português. Explicar o sentido das palavras pode ser considerado uma forma de transmitir e traduzir o seu sentido. Isso significa que explicar algo é também traduzir esse algo; assim, traduzir o sentido de uma palavra é “[...] um processo de reexpressão do sentido que as palavras e frases adquirem no contexto” (Hurtado Albir, 1998, p. 42, *apud* Branco, 2011, p. 10). Aliás, o termo *tradução* é o mais adequado para descrever algo na língua original para a segunda língua, como é o caso das expressões idiomáticas em língua tétum que estão a ser traduzidas para o português, incluindo breves explicações conceituais sobre cada expressão. E se for assim, a tradução de palavras em uma língua para outra língua é, do ponto de vista da linguística cultural, o mesmo que fazer “[...]

15 Fechar o caixão.

16 Assunto de claridade.

17 Búfalos.

transferência de conteúdo de uma cultura para outra" (Branco, 2011). Portanto, a ideia de transferir os conteúdos entre culturas por meio de tradução dos vocábulos populares é uma maneira de dar a conhecer as relações sociais e culturais de um povo para outros povos.

## INTERPRETAÇÃO DE ENUNCIADOS E SENTIDOS ESPECÍFICOS

As ideias relacionadas à compreensão de algo são baseadas na linguagem e com ela produzem o sentido daquilo que é nomeado ou definido, pois todas as ideias são fundamentadas pela lógica de *relevância* e de *definição* em uma perspectiva pragmática da comunicação (Watson, 1995; Rodrigues, 2005). Por isso, as formas mais elevadas da comunicação humana são possíveis quando a capacidade cognitiva dos comunicantes reflete, sobretudo, realidades conceitualizadas (isto é, sobre aquisição do conhecimento), razão pela qual certas ideias podem ser transmitidas ou comunicadas quando os receptores estão preparados para entrar na dimensão globalizante da sociedade de informação (Paulino, 2020). Desse modo, tanto na sociedade tradicional como na sociedade de informação, ou pós-tradicional, as expressões idiomáticas devem ser interpretadas a partir de suas características comumente ligadas às realidades da sociedade que aplicam esses vocabulários populares – uma vez que "[...] as línguas naturais têm em comum estas riquezas sabidas e memorizadas que são o reflexo da procura constante de uma maior expressividade" (Polónia, 2009, p. 13). Assim, as expressões idiomáticas são encaradas como a fase final de uma ação evolutiva, em que as combinações de palavras se fixam no discurso por meio de uma contínua enunciação, e por uma transposição de sentidos que provoca uma dimensão metafórica (Polónia, 2009, p. 15). Eis algumas características das expressões idiomáticas apresentadas por Nunberg, Sag e Wasow (1994):

- *Inflexibilidade*, porque as expressões idiomáticas aparecem com um número limitado de frases sintaticamente construídas, e sua ordem não pode ser mudada, nem pode ser agregada com outros elementos em meio à expressão. Por exemplo, *ain-sapatu*, que, na cultura timorense de *fetosá-umane*, é uma expressão que deve ser cumprida de imediato, sem mais negociações, e o que há nessa expressão é uma troca simbólica no momento da entrega do *ain-sapatu*. Ou, podendo dizer poeticamente nestas expressões:

*Se matan monu ba aifunan ida  
Hakarak ku'u, hiit-an mai  
Se ain la sapatu, lalika hakolen-an.  
Se fuan monu duni, lakon lakohi  
Hiit-an keda mai ho ain-sapatu.*

*Se os olhos apontados a uma flor  
Quereis apanhar, aproximaíais  
Se não há búfalos, desiste já.  
Se ficais apaixonado mesmo, perder  
não quereis  
Vem agora com os búfalos.*

- *Figuratividade*, porque no ato da comunicação ou da conversação o falante usa as expressões de uma língua não de uma maneira literal, e essas envolvem metonímias, metáforas e hipérboles; por exemplo, na cultura timorense de *fetosá-umane* aplica-se a expressão *kuda lá han du'ut* – o cavalo não come a erva, ou *kuda-matak la hemu bee* – cavalo adulto não bebe água, ou *vidru metan les plastik* – vidro preto ainda está embrulhado!, que metaforicamente, ou analogicamente, refere-se a carro de marca de luxo. Significa que quem

quer se casar com uma jovem deve entregar em primeiro lugar um carro de marca aos pais dessa jovem noiva. Ou, podendo dizer poeticamente, da seguinte forma:

<i>Ai-funan furak iha hela</i>	Há uma bela flor
<i>Atu ku'u, keta haluha.</i>	Quereis apanhar, não esqueceis
<i>Buat seluk ami lakohi,</i>	Não queremos outras coisas.
<i>Se hakarak duni, keta haluha</i>	Se quereis mesmo, não esqueceis
<i>Lori mak kuda-matak la hemu bee</i>	Só trazer o carro luxuoso.

- *Proverbialidade*, porque as expressões usadas são bastante específicas e o seu uso é especial para descrever e/ou explicar situações recorrentes e de interesse social, como conversar informalmente (jogar conversa fora) e divulgar um segredo (dar com o sentimento com expressão proverbial). Por exemplo, *Bada-badak oan nu'u turis nafuna, nu'u turis nafuna kraik-kraik oan*: uma expressão de tétum-terik que personifica uma menina jovem, baixinha como *turis nafuna* (pequena planta de feijão que está a florescer), que floresce com frutos variados; ou seja, uma alusão à beleza de uma jovem que está em fase de crescimento. Ou outro exemplo de proverbialidade nos diz que:

<i>Sosa kuda maliku kuda</i>	Se quer comprar um cavalo, é
<i>riin di'ak,</i>	necessário ver o cavalo forte,
<i>Nakur mota lasukat kuda riin</i>	As fortes correntes de água sejam
<i>di'ak</i> <sup>18</sup> .	ultrapassadas com cavalos fortes.

- *Informalidade*, porque as expressões usadas são tipicamente de caráter informal e principalmente encontradas na linguagem oral, ou na *narrativa da poesia oral* (Hymes, 1998). Por exemplo, *hanesan bibi malae*, que significa “não ligar nada, ou indiferente” – essa expressão é aplicada pelos timorenses na sua conversação diária quando classificam uma pessoa que fica indiferente sobre um assunto em discussão. Sendo assim, ainda há outro exemplo que faz parte de *informalidade*, com uma alusão metafórica:

<i>Ha'u oan nonok la dehan,</i>	Meu filho em silêncio não diz nada
<i>Buat ida móis lae</i>	Alguma coisa também não
<i>Tebes ka?</i>	É verdade?
<i>Sim!</i>	Sim!
<i>Ne'e mak la rona ami lian</i>	Por isso que ele não ouve nossa voz
<i>Nia nonok hanesan bibi malae.</i>	Ele é tímido como ovelhas estrangeiras.

- *Afetividade*, porque costumam acarretar alguma avaliação ou posição afetiva em relação ao que denotam. Por exemplo, *labele nega ha'u ran iha ita fuan, it-rua nodi wee matan ida, wee matan ne'e nodi ita fuan* – que significa que não se pode negar que o meu sangue está no teu coração, somos da mesma fonte de água; fonte que une o nosso coração. Trata-se de uma expressão de caráter afetivo, e que a amizade é muito maior do que nunca; além disso, é uma expressão de atenção ou de apelo, uma aliança já estabelecida e que deve ser preservada porque a amizade é uma fonte de água, e que todos nós bebemos a água da mesma ribeira ou da mesma fonte. Ou seja, essa afetividade da expressão pode dar mais um sentido específico a uma relação mais

<sup>18</sup> Estes dois versos de dadolin são disponibilizados pelo professor Nuno da Silva Gomes.

íntima, seja de caráter metafórico, seja de personificação, revelando uma parte da verdade do “dizer é fazer” (Austin, 1962), por exemplo:

<i>Ha'u fuan ita neon</i>	Coração meu é sua mente
<i>Ha'u matan ita isin</i>	Olhos meus são seu corpo
<i>Moris ita nu'u wee matan nafulin</i>	Sua vida como fonte de água escorrida
<i>Domin nu'u turis nafunan kraik-kraik oan</i>	O amor como flores da planta baixinha.

A língua de uma nação é retratada na história política, social e cultural de um povo, como a do tétum de Timor-Leste. Cada expressão do tétum tem a sua própria característica de termo, de estilo e de sentido metafórico, para converter-se em plurissigno, realidade multissignificativa. Por exemplo,

<i>Do'u rua taniru kaban ba mota, mota merak tuun nodi do'u rua kaban</i> <sup>19</sup> .	Dois pombos cuspiram dentro da ribeira, a ribeira turbidez levou a saliva de dois pombos
---	--

Esses versos de tétum-terik falam metaforicamente sobre dois jovens ou duas pessoas que se comprometeram com o casamento e a viver juntos para sempre, mas não o realizaram devido à corrente da água de ribeira, que destruiu o desejo daqueles que se amam. Além disso, é preciso saber também, em língua tétum, sobre a identificação ou a designação de um objeto em uma só camada semântica, que pode ter um único e múltiplo significado, por exemplo, a palavra *tasi nakdedar* transforma-se em núcleo irradiador de policonotações, porque pode ser interpretada como *laloran tasi* (ondas do mar); pode ser também uma metáfora do dizer “ansiedade de uma pessoa”. O amplo sentido da expressão *tasi nakdedar* pode ser visto como:

<i>Mehi hakbosok ha'u dukur</i>	Sonho engana sono meu
<i>Lalehan lian hakbesik ha'u tilun</i>	Voz do céu se aproxima aos ouvidos meus
<i>kalohan mutin semo ha'u oin</i>	Nuvens brancas voam na frente minha
<i>Hakfodak,</i>	Assustado,
<i>haree ha'u tasi nakdedar.</i>	Vejo coração meu a bater.

O significado de *tasi nakdedar* neste verso é o *coração a bater*, devido a um susto provocado por umas nuvens e a voz do céu aparecendo em um sonho enganador, que ludibriaria uma pessoa no mundo irreal, e leva-a para a vida boêmia em um outro lar inumano. Assim,

<i>Hakfodak,</i>	Assustado,
<i>Ha'u tasi nakdedar</i>	Coração meu a bater
<i>Hetan ikan-feto nurak iha ha'u matan</i>	Vejo jovem menina nos olhos meus
<i>Lao sai hosi bee lihun ida.</i>	Anda a sair numa fonte enorme
<i>Hakfodak, ha'u tasi nakdedar,</i>	Assustado, coração meu a bater,
<i>nonok la-dehan buat ida</i>	Calado sem dizer nada.

Mais uma vez aqui vê-se uma expressão metafórica que traz um sentido estranho na compreensão linguística, mas aceitável na percepção linguística literária,

<sup>19</sup> Versos de dadolin disponibilizados pelo professor Nuno da Silva Gomes.

isto é, a expressão *ikan-feto* (uma sereia), que analogicamente pode significar “uma mulher bonita” que aparece no grande oceano.

Partindo dos exemplos apresentados, comprehende-se que o estudo de Lakoff e Johnson (1980) tem grande influência na inovação do pensamento sobre metáforas e expressões idiomáticas. Os dois desenvolvem suas perspectivas sobre essas questões em seu livro intitulado *Metaphors we live by* (1980), no qual descobrem que, afinal, muitas expressões idiomáticas são vindas nas adivinhas, provérbios e conversas livres, motivadas pelo sistema conceitual do ser humano em compreender o mundo e a vida por meio de um relacionamento entre o que se sente na realidade com a palavra que se apresenta. Por exemplo, *ha’u iha tahu laran* (estou na lama), *la’o lá sama rai* (caminhar sem pisar a terra), *ha’u ulun sei la-ihā fatin* (minha cabeça não está no lugar), *ha’u wee sulin iha laran* (estou triste ou choro por dentro). Essas expressões, linguisticamente, refletem uma certa realidade que acontece diariamente na vida das pessoas. O seu uso é considerado uma expressão adicional de caráter metafórico por detrás das expressões idiomáticas, e o mais importante é conhecer e compreender o mapeamento da realidade contida nessas expressões (Paulíno; Tilman, 2021). Desse modo, a competência metafórica é tão importante quanto outras competências linguísticas, como a gramatical e a comunicativa (Kövecses, 2010).

## CONCLUSÃO

Como se vê, está na hora de dar início a estudos linguísticos mais progressivos, ou seja, é necessário fazer uma revolução no campo de estudo linguístico timorense, com tecido social e cultural, fundamentado em expressões criativas e literárias do tétum que surgem nas falas espontâneas. Convertem-se algumas expressões do tétum-terik como o *dadolin* para enriquecer o tétum padronizado. O exemplo concreto são as expressões populares comunicadas pelos timorense em língua tétum que vieram enriquecer o vocabulário dessa mesma língua, e isso traz uma mudança linguística na sua forma de diversidade e de dinâmica social. A pragmática e a análise do discurso viriam a nascer quando uma pessoa utiliza algumas expressões populares na comunicação quotidiana. A respeito disso, basta voltar aos estudos de Émile Benveniste (1992) sobre a enunciação e a subjetividade na linguagem. Também aos trabalhos dos filósofos da linguagem de John Austin (1962) e John Searle (1979) acerca dos atos ilocutórios, e aos estudos de Paul Grice (1989) sobre o funcionamento da conversação que se assente no uso da língua e no signo da língua, pela qual o seu desenvolvimento está em torno da linguística gerativa de Noam Chomsky (1984; 1999).

É necessário fazer uma grande mobilização de grupos, de organização de falantes e de pesquisadores para registrar as expressões idiomáticas de suas línguas em escrita como um documento de patrimônio linguístico, mais especificamente na esfera do chamado patrimônio linguístico cultural. Essa mobilização teria seu impacto maior se reforçada por um decreto governamental para garantir o registro das expressões idiomáticas de uma língua que é considerada língua nacional.

Com efeito, as expressões populares são, na percepção linguística, condicionadas pelo uso da língua e da linguagem apropriada na produção de enunciados e de sentidos, sempre determinada pelo seu aspecto de temporalidade, tanto no domínio da tradução como no da interpretação. Desse modo, as exigências na

área da transferência linguística e cultural em nível de estudo associado à linguística cultural e/ou antropologia linguística aumentam constantemente, uma vez que os conhecimentos (inter-)culturais e históricos são importantes para além da competência em linguagem comum e especializada.

#### **IDIOMATIC EXPRESSIONS AND LINGUISTIC CULTURALITY IN THE CONTEXT OF TIMOR-LESTE**

**Abstract:** Each people uses some popular expressions in their daily speech, that is, each people has their own idiomatic expressions in the language they speak and communicate within the same linguistic group. Idiomatic expressions are integral parts of the popular lexicon that exist in any language. In this article we seek to understand idiomatic expressions from the perspective of linguistic culturality; we also seek to present some popular lexicons expressed in the Tetun language (the national language of East Timor), both in colloquial speech and in cultural activities such as in the *fetosá-umane* meeting; we present some possible interpretations of each idiomatic expression in order to understand its totality of meanings when presented in a specific context.

**Keywords:** Idiomatic expressions. Linguistic culturality. East Timor. Tetun language. Popular lexicon.

#### **REFERÊNCIAS**

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1962.
- BATOREÓ, H. K. J. Linguística cultural e o estudo do léxico da língua portuguesa (PE e PB). In: SIMÕES, D.; OSÓRIO, P.; MOLICA, C. (ed.). *Contribuição à linguística no Brasil: um projecto de vida*. Miscelânea em homenagem a Cláudia Roncarati. Rio de Janeiro: Dialogarts; Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015. p. 98-143.
- BENVENISTE, É. *O homem na linguagem*. Tradução Isabel M. L. Pascoal. Lisboa: Veja, 1992.
- BRANCO, S. de O. A tradução como ferramenta linguístico-cultural. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 2011.
- CHOMSKY, N. Linguagem. In: *Encyclopédia Einaudi: linguagem-enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 11-56.
- CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Tradução Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- DURANTI, A. *Linguistic anthropology: a reader*. Oxford: Blackwell, 2001.
- FERRARO, G. *Cultural Anthropology: an applied perspective*. [S. l.]: Cengage Learning, 2006.
- GOODENOUGH, W. H. *Componential analysis of Kōnkāmā Lapp kinship terminology, in Explorations in Cultural Anthropology*. New York: McGraw-Hill, 1964.
- GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

- HYMES, D. H. *Language in Culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Harper & Row, 1964.
- HYMES, D. H. Toward Ethnographies of Communication: The Analysis of Communicative Events. In: GIGLIOLI, P. P. (ed.). *Language and Social Context: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin Education, 1972. p. 21-44.
- HYMES, D. H. When is oral narrative poetry? Generative form and its pragmatic conditions. *Pragmatics*, v. 8, n. 4, p. 475-500, 1998.
- JANDA, L. A. From Cognitive Linguistics to Cultural Linguistics. *Slovo a smysl/ Word and Sense*, n. 8, p. 48-68, 2008.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Disponível em: [https://www.cc.gatech.edu/classes/AY2013/cs7601\\_spring/papers/Lakoff\\_Johnson.pdf](https://www.cc.gatech.edu/classes/AY2013/cs7601_spring/papers/Lakoff_Johnson.pdf). Acesso em: 27 jul. 2024.
- NUNBERG, G.; SAG, I.; WASOW, T. Idioms. *Language*, [s. l.], v. 70, n. 3, p. 491-538, Sept. 1994.
- PAULINO, V. Cultura e múltiplas identidades linguísticas em Timor-Leste. In: CORREIA, A. M.; SOUSA, I. C. de (org.). *Lusofonia encruzilhadas culturais*. Macau: Saint Joseph Academic Press, 2011. p. 70-87.
- PAULINO, V. Linguagem como um sistema formal e rede de práticas da comunicação. *Revista Diálogo*, Díli: Universidade Nacional Timor Lorosa'e, n. 5, p. 159-190, 2020.
- PAULINO, V.; TILMAN, R. da C. Descrições e interpretação de sentidos das expressões idiomáticas em língua tétum de Timor-Leste. In: *Livro da Acta TLSA: Chapter Portugal*. Coimbra: TLSA, 2021.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- POLÓNIA, C. P. F. M. *As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Porto, Porto, 2009.
- REBELO, L. M. T. *Fraseologias em português e chinês: uma abordagem contrastiva*. 2000. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) – Universidade de Macau, Macau, 2000.
- RODRIGUES, A. D. *A partitura invisível para a abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.
- SAEED, J. I. *Semantics*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2003.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- SCHIFFMAN, H. F. *Linguistic Culture and Language Policy*. [S. l.]: Routledge, 1998.
- SEARLE, J. R. *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- SHARIFIAN, F. *Cultural Conceptualisations and Language: Theoretical Framework and Applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

WATSON, R. Relevance and definition. *Journal of Child Language*, [s. l.], n. 22, p. 211-222, 2005.

XATARA, C. M. O resgate das expressões idiomáticas. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 39, p. 195-210, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3980/3655>. Acesso em: 27 jul. 2024.